

Os Gete

Lucas Zanella

PARTE 1

OS JORNALISTAS, O BLOGUEIRO, O DIRETOR E OS POLÍTICOS

O caso não era que Lena Gregorovitch fosse impopular, apenas que não era uma das pessoas mais populares de todas. Por isso, receber um convite para uma festa era uma coisa muito inesperada e que lhe pegou de surpresa.

Precisou cancelar duas entrevistas e devia agora procurar um vestido decente e bonito o suficiente para não passar vergonha. O anfitrião era anônimo, e isso dava para Lena ainda mais motivos para querer ir à festa. Se saísse algo errado, pelo menos ganharia uma história para escrever na sua próxima coluna para O Estribo, um jornal pequeno e local.

O convite, então, estava jogado sobre o colchão da cama de casal em que dormia sozinha. Fora aberto quase no mesmo minuto que recebeu.

Convidamos a senhorita Lena Gregorovitch a comparecer a Mansão Hannissen às vinte e uma horas do dia dezessete de outubro. Lá o anfitrião há de se apresentar e informar o motivo para a comemoração.

Aconselha-se levar roupas para pernoitar.

Ela releu o convite mais uma vez, como que para ter certeza de que fora corretamente endereçado a ela. No fim, escolhera um vestido branco bonito e leve que ia até seus joelhos. O cabelo castanho escuro e curtíssimo fora arrumado até certo ponto – Lena odiava cabelo liso e mantinha o seu sempre ondulado.

Seus lábios finos eram naturalmente vermelho vivos; nunca na vida ela precisara passar batom, e não era naquele dia que iria começar. Na verdade, embora bonita e atraente de olhares, nunca cuidara tanto de sua aparência. Lena dava mais valor ao seu trabalho do que a si mesma.

Com as noites que já precisou ficar acordada redigindo um texto, a única coisa que lhe mantém acordada, depois que o café acabava, era o álcool. E esse foi um hábito que herdou do pai, mas a mãe disso nunca ficou sabendo.

Na época da faculdade de jornalismo, a garota achava que a única coisa que lhe manteria acordada para estudar era uma boa xícara de café preto; hoje em dia, bebe café apenas de vez em quando, isso apenas porque a bebida que mais preferia era o uísque.

Estava sentada no banco do carro havia umas duas horas e não tinha nem mesmo certeza de que estava no caminho correto. O GNOME Mapas não tinha certeza absoluta de onde a mansão dita no convite ficava, mostrando um local diferente toda vez que ela tornava a pesquisar. Lena estava numa estrada de chão e poeira levantava na medida que seu Accord ia de lá para cá na busca de qualquer sinal de vida. Mas aos seus lados havia apenas extensas plantações, e ela não conseguia nem se lembrar da última vez que vira uma árvore por perto.

Notou após algum tempo um homem que andava na encosta da estrada. Ele era velho, levemente curvado e carregava uma sacola nas costas.

– Com licença – pediu ela, o homem parou e se aproximou. – Poderia me informar onde fica a Mansão Hannissen.

– Mansão Hannissen, senhora? – ele repetiu. – Olhe, você não está no caminho errado, não. É só seguir reto e ela estará logo no fim da estrada. Mas te digo que os Hannissen parecem nunca estar em casa, então deve estar perdendo tempo.

– Obrigada!

O homem assentiu e seguiu com seu caminho. Lena continuou reto até que ao longe viu um pequeno ponto que deveria ser a mansão que há tanto procurava. Ao seu redor haviam árvores, um número mínimo.

A mansão era grande, como ela já imaginava que seria. Havia uma longa garagem que estava fechada, logo a sua frente haviam alguns carros estacionados que deveriam pertencer aos outros convidados da festa. Uma longa escada a levava para a porta de entrada, estava fechada e a janela nem mesmo dava sinal de que havia gente por perto.

Assim que bateu à porta, ela abriu lentamente, dando um leve rangido que ecoou pelo corredor a frente. Lena virou e notou, junto a porta, um homem que deveria ser o mordomo que estava lá justamente para fazer os convidados entrarem.

– Para onde devo ir? – perguntou.

Ele não respondeu, apenas gesticulou para o corredor e voltou para a sua expressão sem emoção. A mulher obedeceu, receando agora que talvez não deveria

ter ido à mansão. Ou, ao menos, deveria ter dito a alguém aonde iria.

Ligara horas atrás para Diguinho e dissera que talvez ela não compareceria na sede do jornal pela noite, como sempre fazia havia anos. Ele não reclamou nem protestou a respeito disso, mas perguntou sim o que ela faria, pareceu sinceramente curioso. Lena apenas falara que não estava se sentindo muito bem, pois achava que talvez o colega gozaria com sua cara se ela mencionasse uma festa.

Tudo bem que ela o conhecia desde que começara a trabalhar, mas ainda possuía uma certa vergonha de si mesma. E como não ter? O próprio vício a levou a pôr na bolsa um cantil com uísque. Sentia-se ridícula por aquilo, mas não tinha outra opção. Disse a si mesma que faria força para não beber.

Ao fim do corredor havia uma grande sala com uma mesa de jantar no meio. Ao redor dela, algumas pessoas conversavam distraídas. Não era muita gente, então os convidados deveriam ter sido cuidadosamente selecionados pelo anfitrião.

Lena reconheceu imediatamente Fernando Räder, um outro colunista d'O Estriba. Ao contrário dela, ele apenas escrevia (esportes e ocasionalmente política), enquanto ela também trabalhava lá como fotógrafa, junto de Diguinho.

– Gregorovitch. – ele cumprimentou.

– Räder.

– Você não saberia dizer quem nos convidou para cá? – perguntou distraído.

– Creio que estejamos prestes a descobrir – Lena falou ao ouvir um barulho vindo de outro cômodo.

– Tem ninguém pra lá! – informou um garoto que entrava na sala, não deveria ser o anfitrião, possuía por volta de vinte anos ou menos. – Ah, olá, você...

– Yago Gregghi? Meu Deus, olá – Lena estendeu a mão e o garoto a apertou.

– Lena Gregorovitch, não é? Gosto muito da sua coluna. A do jornal, quero dizer. Não que haja algo errado com... ahm, esquece! – ele falou embaraçosamente, Lena achou graça disso e, quando notou, ele também riu.

– Eu não saberia lhe reconhecer se não fosse pela

sua foto no blog – começou a conversar. Lena reconheceu o garoto, já havia lido seu blog diversas vezes, e o menino ficara conhecido por escrever sobre assuntos tão carrancudos que ninguém mais se atrevia.

Ela mesma não tinha mais de vinte e cinco anos – sempre mentia que tinha vinte e três –, mas invejava o garoto porque tudo o que ele fazia até então era escrever. Ganhava dinheiro com seu blog, que possuía visitas o suficiente para, ela acreditava, pagar o café da manhã, o almoço, a janta e as contas. A julgar pelo “meio-terno” que usava – uma calça social, camisa e um colete –, o dinheiro também parecia pagar por boas roupas.

Sentiu-se malvestida, mas não havia necessidade, pois o próprio Yago a olhava atentamente, com olhos que expressavam, se estava correta, uma certa admiração.

– Você está muito bonita, Lena – ele disse por fim, sem deixar de esboçar um leve sorriso encantador enquanto a observava. – E é realmente muito bom conhecê-la pessoalmente.

– Digo o mesmo, Yago – ela retribuiu o sorriso, embora nem mesmo soubesse o porquê. Talvez seu rosto

estivesse no modo automático; mas os dentes que acabaram mordendo levemente o lábio inferior, ela tinha certeza, estava sobre seu completo controle.

– Greggi, você não conseguiu nada? – Fernando estragou o momento.

– Não – ele respondeu levemente irritado. – Não vi ninguém para lá, como já havia dito.

– Quem mais está aqui? – Lena perguntou observando os outros quatro convidados.

– Aquele lá é o diretor da escola municipal, Roberto Martins – Yago acenou discretamente com a cabeça para um homem careca que conversava com uma mulher.

– Os outros trabalham na prefeitura, se bem me lembro – disse o colunista de esportes.

A mulher com quem o diretor conversava usava um vestido vermelho sujo, seu cabelo já era grisalho, embora bem cuidado. Os outros dois homens usavam ternos quase idênticos, porém um deles parecia ser alguns anos mais jovem – com mais fios de cabelo escuro na cabeça – e o outro usava um óculos simples e colado ao olho.

– Dolores Cabral, Francisco Casanova e Sérgio

McMillan, o de óculos – continuou Fernando.

– Mas – Lena começou – a grande pergunta é: o que nós temos em comum?

– Como assim? – perguntou Yago.

– Bom, meu convite falava sobre um aviso que seria motivo para comemoração, e para o anfitrião ter-nos convidado, devemos possuir algo em comum.

– Eu escrevo sobre esportes, vocês sobre banalidades... – argumentou Fernando.

– Só porque não possuem onze caras correndo atrás de uma bola, não significa que seja banalidade – retrucou Yago, parecendo levemente ofendido.

– Quis dizer que vocês dois não possuem uma agenda, falam sobre o que bem entendem. Sabe, sofrem pressão nenhuma sobre o que escrevem, isto quando escrever sobre futebol gera uns comentários bem rudes para mim!

– Perdão. Talvez meu blog seja difícil de decifrar, mas eu falo sobre política. Só porque não está envolto num idoso de terno sendo o típico colarinho branco, não quer dizer que seja algo diferente. Anteontem mesmo

aprontei uma postagem de dez mil palavras sobre o Estado Laico no Brasil e aqui na cidade, para adicionar àquele que fiz mês passado sobre o mesmo tópico. Talvez não saiba, mas essa mesma postagem criticando o forçamento da religião na cidade rendeu-me algumas ameaças de morte e um grande olhar torto vindo do prefeito. O seu último artigo foi sobre o que mesmo? Ah, sim, sobre como a seleção brasileira estaria melhor sem o Dunga.

– Garotos, não briguem. Estamos no meio de uma festa... eu acho.

Lena olhou ao seu redor e notou o diretor acenando para ela. Eles não só se conheciam havia um bom tempo, mas também, um ou dois meses atrás, ela disponibilizou toda a sua coluna para que ele publicasse o seu pensamento sobre o nível da educação atual.

O homem fora diretor da escola desde que ela se conhecia por gente; entrou nela quando não sabia nem mesmo que existiam outros países e, quando terminara o ensino médio, ele continuava lá.

Não havia como dizer que ele não merecia seu lugar. A prefeitura não disponibilizava muita verba para a

educação e, em consequência disso, não apenas a escola tinha os livros mais antigos, mas também seu prédio caía aos pedaços. Ele fez o melhor que pôde para manter o local no funcionamento. Lena acreditava que, sem ele, a escola já teria afundado havia décadas.

– É sempre bom ver o quão ótima se saiu, Lena – ele disse sorridente ao observar a mulher.

– Boa noite, diretor. Você não saberia quem nos convidou para essa festa?

– Sei tanto quanto vocês todos – informou pensativo.

– Apenas sete? – uma voz calma e intensa penetrou na sala em que todos cochichavam como se fosse um gigante numa vila de anões. E o homem dono dela, sem dúvida, era gigante perto de Lena e Yago. – Creio que seja o suficiente.

– Juarez? – a mulher Dolores exclamou surpresa, então olhou para seus companheiros de trabalho, que agiram como se se comunicassem pelo olhar.

– Não fique tão surpresa, Dolores. Olá a todos. É uma pena que apenas sete de vocês tenham vindo, mas

creio que possa tratar de dar a notícia para os outros mais tarde.

Enquanto isso, Lena tentava pensar numa maneira de olhar o prefeito da cidade nos olhos. Na mesma coluna que cedeu parte para o diretor da escola, ele acabou esculachando a administração da prefeitura e Lena assinou embaixo – tanto figurativa quanto literalmente.

Mas talvez aquilo tenha sido uma boa coisa, afinal, o prefeito a convidou para uma janta. Provavelmente iria revelar um novo plano administrativo para a educação e queria fazer aquilo para os presentes: alguns colegas, o próprio diretor da escola, e três pessoas que poderiam divulgar a notícia.

– Merda – Yago sussurrou, estava em pé ao lado de Lena. – Se ele acabar falando alguma coisa boa, vou precisar mudar muito a postagem que escrevi. E provavelmente editar a antiga: falei que o prefeito se recusava a pendurar qualquer outro símbolo religioso além da cruz na parede da prefeitura e se recusava a tirá-la de lá. Você não tem ideia do quanto já falei mal sobre esse cara.

– Creio que ele só tenha nos convidado para que possamos divulgar a notícia. Mas não importa o quão boa ela seja, não deveria mudar nenhuma postagem. Isso apenas mostra que está cedendo ao poder político que tenta dominar tudo e todos – Lena sussurrou de volta sem tirar os olhos do prefeito, que agora conversava com seus colegas, e o diretor estava por perto apenas para ouvir a conversa entre eles.

– Tem razão – Yago disse e Lena notou que ele a encarava respeitosamente.

– Mas antes de tudo, ao jantar. Não podemos discutir política de barriga vazia, não é mesmo? – ele deu um sorriso de campanha política e partiu para outro cômodo, para dar o aviso aos serviçais.

Os sete convidados se sentaram à mesa de madeira bonita e longa, sobre a qual havia um pano branco. Dos dois lados de Lena sentaram Yago e Fernando. O diretor ocupou a cadeira diretamente a sua frente e lançou-a um olhar confuso. Os três políticos tomaram conta das cadeiras restantes, o prefeito voltou logo em seguida e sentou na ponta.

– Agora, eu sei o que devem estar se perguntando: por que ele me chamou aqui? Sim, eu sei que vocês não são exatamente pessoas que me amam ou amam a maneira como conduzo a cidade, mas creio que isso esteja prestes a mudar. Ah, está com um cheiro ótimo, Fátima.

A cozinheira trazia para a mesa as comidas, outros mordomos traziam o resto. Logo os convidados começaram a se servir e a única coisa que conseguiam ver era os seus pratos, não pareciam nem mesmo lembrar-se em que casa estavam.

E o jantar estava sim delicioso, Lena comeu uma fatia da galinha – succulenta e ao ponto, embora talvez tenham exagerado no sal – e depois se permitiu comer um pedaço de pudim para sobremesa – este estava açucarado demais. Todos os outros convidados pareciam ter o mesmo veredito que ela mesma: embora ótima, o sal e o açúcar eram demais. Talvez fosse desta maneira que o prefeito gostava de suas comidas, mas era um estranho gosto.

Igual a ela, todos os outros convidados procuraram pelas suas taças de água. Nenhum deles achou, e ficaram tentando engolir suas próprias salivas para matar a sede

que a comida deixou. Pareciam ser educados ou tímidos demais para pedir por um algo para beber.

O prefeito chamou os mordomos assim que percebeu que todos, assim como ele, estavam satisfeitos. A comida e os pratos foram retirados da mesa.

– Meu plano é muito simples – o prefeito começou, ainda sentado na ponta da mesa. – Planejo cortar o mal pela raiz. Todos vocês reclamaram de alguma coisa, seja saúde, corrupção – ele olhou para os três políticos e para Fernando –, laicismo, ou educação. Não, tudo bem, Dolores. Foi sim uma reclamação, uma muito acusativa. Mas ainda bem, pois assim sei que preciso acabar com esses problemas.

"Pois bem, para que tudo dê certo, vou precisar do apoio de todos vocês. Creio que ninguém mais reclamará sobre essas coisas nessa cidade por um bom tempo" ele sorriu meticulosamente. "Primeiramente, a respeito da escola que, como disse, 'é pobremente cuidada pelo governo da cidade, que a trata como uma fábrica de lixo e, portanto, não merece atenção'. Entenda, minha intenção nunca foi recusar a ela os fundos necessários para a

compra de novos livros para a biblioteca ou para a reformulação do prédio. Ah, droga..."

O som de um relógio batendo ecoou pela sala em que todos se encontravam, ainda sentados nos mesmos lugares. Lena tirou seu celular da bolsa e checkou o horário. Havia acabado de chegar à meia-noite.

– Eu já imaginava que isso aconteceria. O tempo de viagem até aqui é longo, por isso os chamei no melhor horário possível para a viagem. Infelizmente, com isso, acabamos chegando mais tarde do que planejava. O discurso que tenho é longo, mas preciso estar em pé na prefeitura pela manhã. Para a nossa sorte, já dei o aviso no convite e espero que todos tenham trazido quaisquer roupas que desejavam para pernoitar.

"Já tinha em mente esse imprevisto, por isso mandei as empregadas arrumarem os quartos extras. Que tal se retomarmos toda a discussão logo cedo, após uma boa noite de sono?".

– Juarez, eu não sabia que você era um Hannissen –
Lena ouviu Dolores dizer para o prefeito.

– Ah, não. Esta casa eu herdei de um parente

distante, creio que não esteja nem mesmo em meu nome oficialmente. Os Hannissen hoje em dia não tem relação alguma comigo, como todos sabem. Muito bem, vocês podem acompanhar o mordomo, ele lhes mostrará seus quartos.

Todos seguiram o homem que abriu a porta para Lena, de cabelo grisalho, corpo magro, bigode fino e terno bonito. Os quartos todos ficavam lado a lado: Dolores Cabral foi a primeira a entrar, seguida de Sérgio McMillan, Francisco Casanova, Roberto Martins, Fernando Räder, Yago Gregghi e, por fim, ela.

PARTE 2

Dolores Cabral

O quarto era branco, como o de um hospital. Havia uma cama, uma grande cômoda e uma porta que levava para um banheiro. Dolores pôs a bolsa sobre a cômoda e a pequena mala que fizera sobre a cama. Aquele quarto possuía uma janela, mas estava emperrada e Dolores não tinha força o suficiente para abri-la.

Bebeu todo o copo de água que estava sobre o criado-mudo ao lado da cama; estava absolutamente sedenta, o jantar parecia ter sugado toda a saliva que possuía na boca, estava salgado e doce demais. Talvez prover nenhuma bebida tenha sido a maneira que o prefeito encontrou de punir ela, Francisco e Sérgio por terem levantado questões a respeito do estado precário do hospital municipal.

Pelo menos ele já havia os perdoado, ou era isso o que ela pensava. Afinal, se ainda desgostava de todos, não teria chamado-os para dar seu aviso.

Dolores pegou sua camisola branca da mala e dirigiu-se ao banheiro, onde trancou a porta e despiu-se. Tomou um rápido banho e vestiu sua roupa de dormir, que trouxera apenas porque sua cabeça a dizia para levar.

O banheiro era pequeno, praticamente minúsculo. As paredes também eram completamente brancas, assim como todos os móveis, o vaso sanitário, a banheira e a cortina. Dolores se via cercada por um quarto branco e pequeno, mas logo ele se tornou gigantesco. Ela já não via as paredes, estavam muito ao fundo.

Abaixo e acima havia apenas mais branco, e a luz não parecia vir de lugar algum. Mas ele era sim muito bem iluminado. O local era meio assustador, como Dolores achou e então tentou gritar por alguém, já que não sabia como sair de lá.

Da sua boca, porém, não saiu som algum. Ela sentia seu pulmão encolher enquanto dava gritos e mais gritos, a veia no pescoço quase estourando. Mas tudo continuava no silêncio absoluto. Ela entrou em pânico, e mais ainda quando percebeu que agora as paredes estavam muito mais perto.

A sala parecia ter ficado tão pequena quanto o quarto em que dormia, mas ela nem mesmo notara a diferença de proporção. Quando ela aconteceu novamente, Dolores percebeu que, de leve, as paredes se

aproximavam.

Em pouco tempo estaria num quarto tão grande quanto o banheiro em que a pouco estava.

Gritou novamente na esperança de que dessa vez algum som sairia, mas nada. As paredes agora eram muito bem visíveis, ela podia também tocá-las e sentir sua aproximação rápida. A respiração foi falhando, como se lhe faltasse ar. Dois segundos depois as paredes a espremiavam e ela tentava inutilmente respirar.

Foi apenas de relance que viu um vulto, e foi a última coisa que viu. As paredes fecharam-se completamente a sua volta, e ela fora esmagada até o extremo.

PARTE 3

Fernando Räder

O quarto de Fernando era vermelho e muito bonito. O clima, lá fora, era frio. Naquele quarto em questão, porém, o calor era escaldante. Fernando procurou por um ar-condicionado que talvez tivesse passado do limite, mas nada encontrou.

Nos quartos ao lado, ouvia o barulho do chuveiro e de tosses. As únicas pessoas daquelas que o fizeram companhia no jantar e que ele conhecia bem eram Lena e Yago, e este último apenas porque era um jornalista também. Não queria aceitar, afinal, ele trabalhava com a internet, mas não havia como negar: ele escrevia bem e atrevidamente. Tudo o que postava em seu blog eram coisas que nenhum outro jornalista que Fernando conhecia – ele mesmo incluído – teria coragem de publicar.

E, por conta desse atrevimento, talvez o blogueiro fosse mais jornalista que ele e todos os seus amigos juntos. Mas ele resolveu reprimir esse pensamento, afinal, precisava dormir e tinha esperanças de dormir bem. Pensar que um blogueiro era um jornalista melhor que ele próprio só lhe daria pesadelos.

Fernando trazia em mala para viagens curtas no

ombro, as únicas coisas que lá colocara foram pijamas, uma roupa para o dia seguinte e seu travesseiro. Sempre levava aquele travesseiro onde quer que fosse, pois não conseguia dormir em qualquer outro. Quando criança, era apegado a um cobertor pequeno e vermelho vivo, agora adulto era apegado a um travesseiro macio.

Mas, afinal de contas – ele sempre se dizia –, quem não é apegado a um travesseiro quando ele é macio e bom de se deitar? Nunca achara resposta.

Em sua mente apenas uma coisa lhe incomodava, lhe batia no cocuruto como nada antes batera: por que diabos o prefeito o chamara? Mas essa era apenas uma das perguntas. Havia outra, uma muito curiosa e esquisita.

Em um antigo artigo, Fernando revelara que o prefeito estivera desviando um pouco do dinheiro público para seu próprio bolso. Então, como o homem mais rico da cidade não teria dinheiro para um simples copo de água? Fernando parecia tentar mascar a língua numa tentativa tola de achar um pouco de saliva para engolir. Tinha a leve impressão de que se não bebesse algo em breve, morreria de sede.

Seu bolso começou a vibrar e ele atendeu um celular.

– Oi, amor. Desculpa, eu me esqueci de ligar mais cedo – ele disse assim que atendeu.

– O que aconteceu? Eu fiquei preocupada, pensei que pudesse ter sofrido algum acidente. Prometeu ligar!

– Eu sei, mas o prefeito acabou fazendo um monólogo e depois teve a janta, acabei de entrar no meu quarto. Tô sozinho há pouco menos de dois minutos e cansado demais, sofri pra achar esse lugar.

– O prefeito foi convidado também? Vocês não brigaram de novo, não é? – a namorada pareceu preocupada.

– Ele não foi convidado, foi ele quem me convidou. Mas não, não acabamos discutindo. Uma vez foi o suficiente, muito obrigado. E lembre-se que não fui eu quem começou, eu só estava na prefeitura para entrevistar um pessoal pro jornal e foi ele quem gritou no meio do corredor e expulsou-me de lá.

– Esse é o seu lado da história, mas não foi o que a reportagem disse.

– Isto é porque quem escreveu ela foi Mauro, e você pode até confiar em seu irmão, mas não há como negar que ele apoia o prefeito religiosamente – nesse ponto, Fernando começou a cochichar com medo de que o prefeito o estivesse escutando do outro lado da porta.

– Você virá hoje? – perguntou a namorada.

– Não, ele acabou não completando aquele discurso. Ah, graças a Deus – bebeu um grande gole de água. – Amanhã eu vou aí o mais cedo possível, ok? Posso compensar não ter voltado para casa hoje, até.

– Hum. Precitaria ser uma grande compensação, então. Boa noite, eu preciso ir.

– Tchau – ele disse com um sorriso e desligou a chamada, deu uma grande olhada na tela do celular.

Já era quase meia-noite e meia e sentia-se como um pedaço de merda, não conseguia nem mesmo andar direito. O cansaço finalmente o pegara de jeito, e o calor do quarto certamente não ajudava em nada.

Por um segundo, sentiu-se tonto demais para fazer qualquer coisa. O cheiro no ar era de terra e fumaça, mas Fernando não se lembrava de ter comparecido a um

churrasco ao ar livre. Tentando caminhar até sua cama, perdeu o equilíbrio e caiu de costas no chão.

Teria gravemente batido a cabeça se não fosse pelo solo. Com a visão ainda turva, atreveu-se a levantar e observar o local em que estava. A terra aos seus pés era muita e marrom de verdade. Tivera sorte, ele percebeu, pois tivesse caído um pouco mais para o lado e sua cabeça teria batido nas pedras. Naquele canto e em diante, afinal, havia apenas terra.

Fernando apoiou seu peso na pedra que estava a altura de seu peito e subiu como se fosse apenas um difícil degrau. Sua visão lentamente voltava a ficar nítida, mas sentia-se como um míope sem óculos. Não conseguia ver ao longe. Tudo o que sentia era calor e medo, embora não soubesse o porquê.

Percebeu, finalmente, tudo o que o cercava. Parecia estar numa meia caverna, aquela parte dele, mas mais a frente havia um profundo buraco repleto de algo vermelho brilhante.

Apenas de esticar o pescoço para ver o que era, a fumaça aqueceu-lhe o rosto. Precisou voltar para trás

rapidamente para evitar ser queimado ou mesmo cegado.

Mais a frente, o mesmo líquido – embora parecesse mais sólido do que um líquido – caía lentamente de um túnel, que deveria ser como todo aquele buraco lá fora enchido. Parte do líquido, porém, não caía diretamente no buraco, como Fernando percebeu, mas batia numa plataforma de pedra preta e lá ficava.

Logo em seguida, mais daquele líquido batia na pedra e o local afetado avançava um pouco. Fernando calculou que não demoraria muito para chegar onde ele estava, mas seu espírito jornalista – o mesmo que lhe fizera cometer o absurdo de cursar Jornalismo em vez de Medicina, para o qual havia passado em primeiro lugar – o fez andar em direção ao líquido ao contrário de para longe dele.

Mas seria rápido, apenas estava curioso e queria saber o que era aquilo. Ficou um pouco afastado, visto que o local em que o líquido estava crescia rapidamente agora. Mais um pouco do líquido avançou para ele e agora estava a centímetros de seu pé.

Fernando, num ato maluco, levemente tocou no

líquido com a ponta do tênis, percebendo então o que era. Quente, escaldante, na verdade. Era lava.

Sentia-se burro por ter ido até lá, pois agora mais parecia que resolvera tirar férias em Pompeia justamente no dia maldito. Correu com vontade até o local em que antes estava, na terra que era mais fria do que a pedra preta que cercava toda aquela caverna em que se encontrava.

Parecia que estava pagando por seus pecados, como se estivesse às portas do inferno, mas ele não pecara. Não havia, então, motivo para ser punido. A visão da lava avançando em sua direção como um tsunami não ajudou a ficar tranquilo.

O local por onde a lava entrava parecia ficar apertado demais. Não demorou muito para que toda aquela parte da caverna sofresse uma explosão, o buraco ficou maior e mais lava saía de todas as partes.

Agora ela sim avançava como uma onda em sua direção. Correu até o local mais seguro que encontrou, era protegido por uma grande pedra, embora chegar até ali tenha sido difícil pois quase resvalara e caíra de cara no

grande buraco, agora parecido com um vulcão prestes a entrar em erupção. Foi então que sentiu uma brisa fria percorrer-lhe o corpo, notou uma escada de pedra preta que levava a uma porta de madeira. Era como se estivesse num filme de fantasia surrealista.

Mas mesmo assim, avançou até lá, tendo que cautelosamente passar pela beirada da plataforma em que estava e segurando nas pedras para cuidar para não cair. Quando chegara a ponta da escada, olhou para trás e viu que aquele local em que antes aparecera já fora inundado pela vermelhidão. Doía-lhe os olhos encarar aquilo, e ele não podia esperar para sair de lá.

Subiu os degraus quentes e parou em frente a porta, cético. Pela fresta abaixo, ele viu a luz clara que vinha do outro lado. Não demorou muito para perceber que era mais da maldita lava. Descia os degraus sem deixar de encarar a porta, que logo começou a pegar fogo e a fumaça dela invadia a caverna. A lava do outro lado vinha de um corredor longo e curvado, descia as escadas como se fosse um tapete vermelho posto para um rei passar.

Não demorou muito para Fernando chegar na

plataforma principal e a lava da escada o seguia atentamente. Pisou em falso, então.

Teve um ataque cardíaco ao perceber que pisara no ar atrás de si e isso o desequilibrara. Caía em direção ao buraco cheio de lava e aquela que o seguira se juntara a ele no grande mar vermelho.

PARTE 4

Yago Greggi

A casa era bonita, pelo menos era isso o que Yago pensava. A arquitetura era interessante, mas ele não entendia nada de arquitetura. Tudo o que sabia era que achava aquele lugar bonito, em principal o corredor dos quartos. Ele não teve tempo para ver onde o prefeito fora, mas certamente o quarto dele seria o mais bonito de todos.

Enquanto nos corredores o papel de parede era vermelho, seu quarto possuía um papel de parede cinza e detalhes em branco prateado. Era bonito de qualquer maneira. O garoto estava aconchegado na cama já, mas não se sentia nem um pouco cansado. Enquanto o sono não chegava, ele lia um bom livro do seu gênero Acima da mansão pairava no ar uma grande espaçonave em forma de prato, era cinza preferido, ficção científica.

Sentiu-se refrescado com a água que finalmente conseguira beber, pois não bebera nada durante o jantar. Parecia incrível que o próprio prefeito não tivesse ficado de boca seca, mas ele não havia dito nada.

O silêncio inundava o quarto, a única coisa ouvida agora que os banhos já haviam sido tomados era o som de páginas virando. Justamente por isso, o estrondo que

invadiu o local foi muito mais assustador do que normalmente seria. Num grande susto, Yago deu um salto na cama e por pouco não rasgou uma das páginas que estava prestes a virar.

Ele olhava petrificado para a janela logo a frente, decidindo-se se iria ou não verificar o que acontecera. O barulho, ele analisou, poderia muito bem ser de um carro se acidentando. Tendo isso em mente, ele decidiu fazer o coração parar de bater alucinado e levantar. Afastou a cortininha branca que cobria a janela e arregalou os olhos tentando enxergar ao longe.

A rua, muito ao fundo, parecia vazia. De todas as maneiras, o acidente não pudera ter acontecido lá, se fosse assim ele não teria conseguido ouvir o som tão nitidamente. O quintal abaixo parecia calmo, mas estava muito bem iluminado, considerando que todas as luzes estavam desligadas. Seria noite de lua cheia para tamanho brilho vindo dos céus? Ele não tinha certeza, não era lobisomem para ficar cuidando a lua.

Engoliu seco quando apurou o ouvido e notou o som de metal se movendo. O som era inconfundível, como

o de um laser perpétuo sendo disparado numa caverna com muito eco. Olhou para cima, mais por curiosidade do que por coragem. Acima da mansão pairava no ar uma grande espaçonave em forma de prato, era cinza escura e luzes verdes podiam ser vistas na circunferência, o centro era invadido por uma clara luz branca.

Ele abriu a boca impressionado, mas fechou logo em seguida pensando que talvez o coração pudesse se aproveitar para fugir do corpo. Correu de volta para sua cama e ficou encarando o teto onde estava a lâmpada branca que iluminava o quarto. Ele pensou que já deveria estar sonhando, mas não se lembrava de ter ido dormir. Não podia ser real, isso ele sabia. Provavelmente apenas estava apavorado demais e sua mente pôs lá a primeira coisa que conseguiu.

– Não é real – ele disse para si mesmo.

Então o quarto foi engolido pela mais profunda escuridão, podendo ser visto apenas, pela janela, a luz branca misturada da verde. O barulho de *craques* começou leve e baixinho, mas logo aumentou consideravelmente. Não demorou muito para que não houvesse mais um teto

no quarto de Yago, agora ele encarava a luz branca da espaçonave e era quase cegado por ela.

A luz, ele percebeu, aproximava-se de pouco em pouco. Yago sentiu ser consumido por ela e viu o quarto e o céu desaparecerem enquanto tentava incansavelmente manter-se no mesmo lugar segurando-se na cama. Mas ele continuava a ser sugado pela luz.

Quando abriu os olhos novamente, após fortemente tentar mantê-los fechados, viu-se numa sala grande e muito curiosa. O seu redor era todo cinza, tal qual era a cor do disco voador que vira.

Estava deitado numa maca de metal, e ao seu lado haviam incontáveis aparelhos cirúrgicos. Estava numa sala de operação, solto. Sentou na maca e olhou ao redor, haviam prateleiras também de metal com mais aparelhos e uma cabina de porta de vidro com medicamentos.

A sala era celada, sem janela alguma. Havia apenas um painel branco horizontal e uma porta muito bem fechada. Demorou dois minutos, no máximo, para que visse o primeiro sinal de vida. Ninguém havia entrado na sala, e por isso ele agradeceu. Havia duas silhuetas no

painel. Uma das criaturas era alta e o pescoço longo e fino demais para um ser humano, a cabeça era também muito desproporcional ao corpo.

A outra criatura era menor, o pescoço mais curto, embora ainda fino, e a cabeça também desproporcional. As duas conversavam algo, e o painel branco protegia muito bem suas vozes, mas Yago conseguiu ouvir melhor quando se aproximou.

– A mulher não quer tomar a água, senhor – a criatura menor respondeu.

– Como assim? É impossível ela conseguir resistir à sede – a criatura de pescoço grande, e levemente brava, disse.

– Parece que bebeu algo que ela mesmo trouxe, então não sentiu sede. O pior foi que notou que havíamos posto algo... mas talvez não tenha percebido que foi um alucinógeno! – adicionou como se fosse uma desculpa.

– Pois trate de fazê-la beber, ou então estará forte o suficiente para lutar. Não me importo se tenha de usar a força bruta, apenas faça-a beber! – ordenou a criatura que parecia ser a que comandava.

– Senhor, tem certeza que deseja continuar a fazer isto? – perguntou o menor.

– Sim, Alfredo, eu tenho certeza. Eles merecem tudo o que receberão, agora vá! – o comandante enfezou-se de vez e bateu com o punho em algo que deveria ser um painel de controle.

Nenhum dos dois pareceu ter notado o que fizeram, mas agora a porta da sala de operações estava aberta. O garoto esperou que as duas silhuetas tivessem sumido do painel para sair, não queria arriscar e encontrar com alguma delas.

Todo aquele setor, Yago calculou, deveria ser de operações. Sentiu um grande enjoo ao notar todo aquele sangue espalhado pelas paredes do longo corredor com outras salas de operações.

Ele não sabia se haviam mais humanos nas outras salas, bateu em outras duas portas de levinho e sussurrou “alguém aí?”, mas não houve resposta. Infelizmente, ele não possuía tempo para verificar todas as salas, pois precisava encontrar uma saída antes que topasse com qualquer um dos alienígenas que o prenderam ali. Não

sabia nem mesmo se conseguiria escapar da nave em si, mas precisava tentar.

Nem que precisasse se atirar no céu azul para livrar-se dos monstros que o prenderam, ele faria. Uma das salas estava aberta, por um segundo Yago pensou que talvez houvesse mais alguém que tivesse fugido, mas aquela sala não era de operação. Pelo menos uma sorte no meio de todo aquele azar, Yago pensou.

A sala em que entrara era a de armas, e armazenadas num canto havia todo o tipo que Yago poderia imaginar. Ele agarrou uma delas, era preta e verde brilhante, mais longa do que um revólver, então Yago a associou a uma escopeta. O garoto deixou o resto da pilha de armas ali, não conseguiria levar mais alguma para entregar a qualquer outro que estivesse fugindo, elas eram pesadas e ásperas demais.

– Cadê você, saída? – sussurrou como se isso fosse o fazer achá-la com maior facilidade.

Voltara para o longo corredor sangrento, haviam mais algumas mesinhas de metais com equipamentos cirúrgicos lá. Estava perto do último quarto quando ouviu

vindo dele sons do que parecia ser uma briga. Era uma mulher e um homem, possivelmente o alienígena baixinho que fora realizar uma tarefa a mando do comandante.

Yago andou para trás a procura de algum local para se esconder, mas não havia nada além das mesas. Resolveu agachar-se atrás de uma, pelo menos o E.T. não o veria de primeira, e assim Yago teria uma vantagem.

Esperou por algum tempo, esperando a criatura sair da sala – acreditava que já não havia mais esperanças para a mulher. Quando saiu do quarto, o alienígena olhava para o seu fino braço com precaução.

Não era pequeno, muito pelo contrário. Deveria ter, talvez, a mesma altura de Yago se não alguns poucos centímetros a menos. Perto do comandante, porém, parecia minúsculo.

– Você vai pagar por isso – Yago disse para a criatura, que se surpreendeu ao vê-lo ali, apontando para ele uma de suas próprias armas.

– Senhor Greggi – disse assutado. – Não, eu juro, ela está viva. Mas, entenda, foi ele. Eu não queria fazer isso, foi...

Não conseguiu continuar a falar o que dizia pois fora atingido, Yago pressionara o gatilho da arma. A criatura caiu no chão rapidamente, e agora o vermelho de seu sangue juntava-se ao do sangue seco das outras vítimas.

Mas e se o comandante voltasse? Ficaria furioso ao encontrar o servo morto no chão. Yago resolveu que seria melhor esconder o corpo antes de verificar se ele falara a verdade e a mulher estava bem.

PARTE 5

Lena Gregorovitch

Ela se sentia como um grande bicho-preguiça. Entrou no quarto com suas pálpebras já lutando para se manterem erguidas. Sua boca, para piorar tudo, estava mais seca que um deserto. Além disso, o quarto estava um tanto quanto quente.

E era um belo quarto, para falar a verdade. O papel de parede era amarelo areia e as silhuetas mostravam pirâmides e seus construtores, levando as pedras necessárias para concluir o trabalho. Era um bonito papel de parede, isto ela precisava admitir.

Embora estivesse evitando a qualquer custo, não aguentou e pôs a bolsa em que levava tudo sobre a cama e puxou o zíper. Encontrou o cantil e agarrou-o com força, sua boca já sabia o que estava por vir e sentia-se ansiosa. Lena tentou lutar contra sua vontade, mas perdeu e acabou bebendo mais alguns bons goles do uísque que preenchia o cantil prateado.

Foi apenas depois de beber o último gole lá que notou o copo de água sobre o criado-mudo ao lado da cama. Amaldiçoou-se por não ter notado aquilo antes, então pegou o copo para beber.

– Estranho – exclamou ao notar a água que parecia borbulhar.

Concluiu, então, que aquilo deveria ser água com gás, que ela odeia. Afinal de contas, não beberia aquela água de qualquer maneira, mas não parou de se xingar por ser tão fraca e ceder facilmente.

Resolveu dar uma andada pelo quarto para ver se a preguiça de antes voltaria. Geralmente, nunca dormia após beber. Ela nem mesmo sabia a razão; talvez, para ela, a bebida agisse como cafeína. Ou então isso era um efeito comum, mas ela nunca falara sobre aquele problema com ninguém para saber.

Havia uma cômoda de roupas, mas estava vazia. Sobre ela Lena pôs a bolsa, para deixar a cama livre. Parada num canto tinha uma escrivaninha muito bonita e simples, havia um abajur para que a pessoa pudesse escrever durante a noite. A janela estava aberta, Lena resolveu fechá-la para que seu sono não fosse interrompido por nenhum mosquito indesejável.

Do outro lado do quarto havia uma estante de madeira com alguns livros e uma plantinha simples.

Nenhum dos livros lá atraíram a atenção da moça, então foram ignorados.

O coração da moça palpitava alarmante, mas ela não sabia o porquê. Tinha a leve impressão de que sua memória comera alguns minutos daquela noite, mas não podia ter certeza. Continuava a mesma, e a bolsa ainda estava sobre a cômoda, então achou que fosse apenas um colapso por conta... da bebida, sim, provavelmente foi a bebida.

Em todos os casos, não precisava ficar alarmada, e isso o coração percebeu quase que na hora. Lena se jogou na cama num suspiro, sentia-se muito bem, embora o sono parecesse ter ido de vez para o norte da Croácia e além.

A cabeça caiu para o lado, e foi nisso que Lena percebeu a única coisa diferente no quarto todo. A estante um pouco gordinha dos livros parecera ter sido movida, o chão mostrava riscos a sua frente.

Pareceu-lhe ridículo que a estante se moveria sozinha, mas ainda mais ridículo que alguém tentaria roubar qualquer um dos inúteis livros que lá habitavam. Lena levantou e foi investigar, notou que a direção dos

riscos mostrava que a estante fora movida diagonalmente. Ela fez o mesmo, para ver se teriam posto algo nas costas da madeira.

O que encontrou foi muito mais impressionante, era um corredor de pedra incrivelmente longo. Era iluminado por luzes no teto, presas uma na outra por cabos que saíam de uma porta no fim, que parecia ser apenas um ponto no horizonte. Lena seguiu no ápice de sua curiosidade e, antes de abrir a porta, olhou para trás a fim de certificar-se de que não havia ninguém a seguindo.

– E se estiverem aí dentro? – perguntou para si mesma enquanto encarava a porta.

Pelos lados não havia nada além de pedras que deviam ter ficado para trás durante a escavação do local. Lena agarrou uma delas e girou o trinco a porta.

Graças a Deus, a sala estava vazia. Mas, Lena pensou, o fato de que poderia ter alguém ali não era nem um pouco tão assustador quanto o que realmente havia. Ouviu um baque por perto, como o de algo caindo no chão, mas acabou não prestando atenção.

A sala era um pouco grande, mas menor do que o

quarto onde estivera. Possuía diversos monitores que mostravam imagens das câmeras de segurança espalhadas pela mansão.

Nada mais normal, afinal, deveria ser uma mansão cara pra caralho. Mas isso não explicava o porquê de tantos monitores desligados, e apenas sete estavam ligados. Todos os quartos em que os convidados estavam hospedados era mostrado nas telas.

Dolores Cabral estava caída no chão de um banheiro branco, a única cor na tela era a do sangue que se espalhava pelo piso. Sérgio McMillan estava sentado no chão e escorado na parede, imóvel e sem vida. Francisco Casanova talvez tivera a pior de todas as mortes, pois junto dela vinha o desespero; seu corpo estava mergulhado numa banheira cheia de água.

Roberto Martins, o diretor e única pessoa que Lena conhecia fora seu colega de trabalho e o garoto Yago, estava deitado na cama, pacífico; o travesseiro em que deveria estar deitado encontrava-se sobre a barriga do homem. Fernando Räder estava caído sobre as costas logo em frente a porta, sua camisa manchada.

Agora, ela imaginava, era a vez de Yago Gregi, e ela não sabia se aguentaria ver o que acontecera com ele. Mas, ao olhar apenas por impulso e desespero, viu um quarto vazio. Seu próprio quarto, é claro, estava vazio também.

– Olá, Lena – ouviu uma voz vindo atrás de si, virou-se depressa e notou o homem alto que era o prefeito.

– Prefeito? – perguntou a moça.

– Sabe – ele começou. – Por um momento fiquei preocupado, achando que não beberia a água, mesmo após certificar-me de que ficariam sedentos.

– Eu já imaginava – Lena exclamou com desprezo invadindo o rosto. – Você pôs algo nela, não é mesmo? Drogou todos eles.

O prefeito não pareceu mudar de expressão, mas Lena não se importava, afinal, estava lúcida. Teria uma chance e poderia lutar com o homem que matara todos os outros.

– Mas eu não tomei aquela água! – falou com vontade e partiu para cima de Juarez, que carregava uma faca ensanguentada na mão.

É claro, a primeira prioridade seria tirar a faca dele, e foi isso o que ela começou a tentar fazer. Podia não ter muita força, mas estava na vantagem lá. Se ele precisava drogar todos os outros convidados para poder matá-los, significava que tampouco era forte.

Lena deu-lhe um soco no estômago com toda a força que conseguiu reunir, o homem se contorceu e derrubou a faca para agarrar-se a barriga. Aproveitando a oportunidade, Lena chutou-a para longe na sala de comando.

O homem voltava a recuperar seu fôlego e posição, notou a faca que fora para longe chutada e então encarou a jornalista. Seu olhar, Lena percebeu, era indecifrável e aterrorizante.

– Sua tola – anunciou o prefeito e estendeu a mão direita para a faca, que voou para ela num movimento brusco.

– Mas... Não!

– Ah, sim. Você *tomou* aquela água!

Lena agarrou seu pescoço, lembrando-se da dor leve que sentira quando o coração palpitará.

Bebera a força? Mas não havia mais ninguém lá no quarto, apenas ela. Quanto *tempo* teria seu cérebro comido?

Encarou o prefeito com o olhar assustado, muito logo o rosto de Juarez começou a derreter juntamente da sala em que se encontrava. Nunca saíra do quarto, afinal de contas, mas agora ele se mostrava diferente. As silhuetas na parede se moviam, chicotes eram açoitados e trabalhadores arrastavam pedras para formar a pirâmide.

Juarez vestia uma roupa que lembrava a de um faraó, e sua faca fora transformada numa longa cimitarra. Sua risada ecoava pelo quarto.

– Não – ela pediu. – Por favor.

– Ah, parece que estive enganado Na verdade, eu os prefiro assim: implorando para viver. Ainda bem que você não sofre tantas alucinações quanto os outros. Já deve estar acostumada com bebidas que atuam em seu cérebro.

– Por quê? – perguntou como se estivesse fazendo uma simples entrevista com o demônio em pessoa.

– Bom, se vou começar uma nova administração política na cidade, não posso manter nela aqueles que me

contrariam, aqueles me criticam. Então preciso tomar conta deles.

– Essa é uma horrível razão para se tornar um assassino – comentou Lena enquanto andava para trás.

– É mesmo? Parece-me ser perfeitamente normal – o prefeito falou já levantando a espada.

– NÃÃÃO! – gritou a jornalista, fechando o olho e protegendo-se futilmente.

Todo o som ao seu redor parou de repente, com a exceção de dois baques, um pequeno e um muito maior. Lena pensou em abrir o olho, mas cria que não veria nada além da mesma escuridão. Parecia que seus ouvidos tivessem sido apurados, e ela voltou a ouvir o ambiente ao seu redor.

Havia uma respiração rápida que invadia a sala.

– O comandante – ouviu a voz de Yago penetrar em seus ouvidos como uma música relaxante, ela abriu os olhos e o viu segurando uma tora de lenha, Juarez estava caído a sua frente. – Ele ia matar você. Nós precisamos fugir da nave, antes que ela comece a perder altitude. Não tem mais ninguém pilotando ela!

Foi como se seu coração estivesse tentando sair rasgando seu peito, seus olhos começaram a lacrimejar. Jogou-se em Yago e abraçou-o com toda a força que conseguia, a única coisa que sentiu depois foi sua temperatura elevada, que fora muito bem-vinda por conta da frieza que sentia.

Alguns segundos ou minutos depois, quando percebeu que ainda havia coisa para fazer, desvincilhou-se de Yago e sentiu o pulso de Juarez. Continuava vivo, o que era bom. Correu para sua bolsa e puxou dela um celular, discou 190 enquanto falava para Yago amarrar o prefeito.

Não queria nem pensar no que faria depois, mas sabia que aquilo não poderia ser abafado pela imprensa. Se o jornal não fosse publicar por ser trágico demais ou por envolver o prefeito da cidade, ela tinha certeza de que havia um certo blog que não resistiria em lhe dar um espaço para uma breve reportagem.